

## **EDUCAÇÃO FÍSICA, ESCOLA E A DOCÊNCIA: fuxicando com as narrativas de um professor**

**Pedro Alves Castro  
Universidade Federal Fluminense- UFF**

**Dinah Vasconcellos Terra  
Universidade Federal Fluminense- UFF**

### **Resumo**

O presente texto teve como proposta ouvir a narrativa de um professor de Educação Física, com o intuito de perceber e problematizar como a presença de ex-professoras/es se constituem enquanto um elemento formativo em suas perspectivas profissionais e de atuação na docência. Metodologicamente, recorreremos ao fuxico narrativo enquanto elemento de relacionamento com as narrativas. Teoricamente, dialogamos com estudiosos do pensando decolonial e da Educação Física brasileira, situados no campo crítico. Por fim, percebemos que através das narrativas temos a possibilidade de escutar e assim, refletir sobre os percursos históricos da área de Educação Física, além de repensar outros elementos que se colocam no campo formativo das/os professoras/es, como as próprias experiências e as narrativas enquanto possibilidade metodológica.

**Palavras-chave:** Docência. Educação Física. Narrativas.

### **Abstract**

The purpose of this text was to listen to the narrative of a Physical Education teacher, with the aim of understanding and problematizing how the presence of former teachers constitutes a formative element in their professional perspectives and teaching activities. Methodologically, we resort to narrative gossip as an element of relationship with narratives. Theoretically, we dialogue with scholars of decolonial thinking and Brazilian Physical Education, located in the critical field. Finally, we realize that through narratives we have the possibility of listening and thus reflecting on the historical paths of the area of Physical Education, in addition to rethinking other elements that are placed in the training field of teachers, such as their own experiences and narratives as a methodological possibility.

**Keywords:** Teaching. Physical Education. Narratives.

### **Para início de conversa...**

Escutar talvez seja um dos grandes desafios dos processos civilizatórios e educativos nos últimos tempos, principalmente, quando, por um lado, consideramos os contextos tecnológicos, e por outro, o desafio posto pelo campo político e suas disputas. Nesse contexto, a palavra narrativa foi sendo

apropriada de maneira indistinta, chegando a ser instrumentalizada pelas fábricas de falsas notícias. Assim, podemos questionar se realmente havia uma disputa de narrativas, ou não.

No contexto educacional, as narrativas se apresentam em crescente, oferecendo o compartilhamento das experiências individuais, mas, ao mesmo tempo, possibilitando a leitura dos contextos históricos. Na Educação Física, de maneira especial, estudos e investigações que recorrem às narrativas também estão em crescente, permitindo a escuta e a problematização de vários aspectos que constitui a área (as manifestações da cultura corporal, formação de professores, formação continuada, etc.). Nesse trabalho, apresentamos um recorte do projeto de pesquisa intitulado “Fuxicando com narrativas de professoras/es de Educação Física: currículos e a decolonialidade”. Nele apresentamos a influência de ex-professoras/es na constituição do “ser professor”<sup>1</sup> e suas influências na construção e manuseio dos currículos escolares.

Metodologicamente, recorreremos ao fuxico narrativo (Castro; Terra, 2023), perspectiva que visa estabelecer outras relações com as narrativas, a partir da multi-referencialidade. Logo, o fuxico narrativo trabalha com as narrativas em sua inteireza, às costurando em retomadas (sulcos narrativos) e com as referências bibliográficas. Os elementos constitutivos do fuxico são: a centralidade dos sujeitos (Maldonado-Torres, 2017), o fa(ser) pesquisa (Hissa, 2017), a conversa (Ribeiro; Souza; Sampaio, 2019), as narrativas em três dimensões (Prado; Soligo; Simas, 2023), a oralitura (Martins, 2021), a memória (Evaristo; 2018) (Walsh, 2017) (Benjamin, 2008), e a experiência (Krenak, 2022).

O texto apresenta-se em um único tópico, no qual, a narrativa do nosso participante é posta, ouvida, e assim, segue em diálogo com as referências bibliográficas, e com as minhas próprias experiências e narrativas. Por fim, apresentamos algumas considerações ao fim do processo, como a potência das narrativas para os processos formativos, mas, percebemos uma carência de espaços que oportunizam a escuta e o outro.

2646

### **“[...] a figura de uma professora [...]”: encontros e desencontros na escola e na docência**

Joni (2021) abriu o microfone: *“Então, cara... Primeiro eu quero agradecer por essa oportunidade de estar aqui, porque assim, é muito difícil estar aqui, apesar do encontro ser uma vez no mês, mas assim... A gente fica naquela correria e lembra assim “Tem reunião mais tarde”, no meio de 1 milhão de coisas, aí você fica assim “Tem reunião”... Mas aí a gente chega aqui, e vai ouvindo as pessoas falando... A gente teve duas falas nesse sentido agora, a*

---

<sup>1</sup> O professor Joni foi um dos participantes do projeto de pesquisa citado, e esse nome, foi escolhido pelo próprio participante, assim como os demais nomes citados pelo participante. Ademais, as conversas aconteceram em uma plataforma virtual, foram gravadas, transcritas e validadas pelas/os participantes.

*Maria Cecília<sup>2</sup> e o Gleison<sup>3</sup>, mas assim... Vem tantas coisas, de uma riqueza tão profunda, que vai nos fazendo lembrar de... A Maria Cecília falou uma coisa, eu nem lembro o que foi que ela falou, mas que me trouxe uma memória de coisas... Caramba, que coisa interessante, e assim, eu quero agradecer por estar com vocês nesse momento e eu lembrava que na minha infância eu não tive oportunidade de fazer uma aula, de sei lá... Judô, nenhuma atividade esportiva, não tinha essa condição, né? A brincadeira era na rua mesmo, e era amarelinha, bolinha de gude, FIFA, golzinho de praia, era pique-bandeira, pique-esconde, era... Assim que a gente foi se formando, vivendo as práticas corporais, e a escola [...]*". Esse sulco narrativo oriundo da fala do Joni, reafirmou uma das intencionalidades e aposta metodológica dessa investigação, a conversa (Ribeiro; Souza; Sampaio, 2018). A potência da conversa, ocasionada pelos movimentos da pesquisa, possibilitou compartilhamentos entre pares, professoras/es de Educação Física, de diferentes localidades, que possuíam semelhanças e diferenças nos processos de formação e ensino. Além disso, o trabalho com as narrativas e, conseqüentemente, com as experiências e memórias que vieram à tona com as conversas, se fez como outra possibilidade para a construção de investigações, por outras percepções e posições nos espaços de construção coletiva, e que a pesquisa educacional é um deles.

Outro aspecto que Joni (2021) compartilhou nesse trecho é a sua vivência fora do espaço escolar: “[...] eu não tive oportunidade de fazer uma aula, de sei lá... Judô, nenhuma atividade esportiva, não tinha essa condição, né? A brincadeira era na rua mesmo, e era amarelinha, bolinha de gude, FIFA, golzinho de praia, era pique-bandeira, pique-esconde, era... Assim, que a gente foi se formando [...]”, vejam que além de relatar essas vivências que compunham o seu cotidiano, ele acaba apresentando uma marca socioeconômica que impedia a participação e acesso a alguma outra atividade (esportivas e/ou culturais). No entanto, ele ressalta a importância dessas vivências na rua, experiências livres e compartilhadas com vizinhos e amigos, que igualmente se faziam formativas. Muitos de nós, possivelmente, tivemos essa oportunidade, em um dado momento, quando talvez tivéssemos um pouco menos de violência urbana e as ruas eram um espaço vivenciado pelas crianças.

Chamo mais uma vez os currículos para o debate, afinal de contas, o lugar definidor do que deve ser aprendido, também deve conversar com as práticas sociais e os saberes. No caso específico dos currículos para a Educação Física, como manusear as práticas corporais das/os-

---

<sup>2</sup> Outra participante da investigação.

<sup>3</sup> Outro participante da investigação.

com as/os estudantes, com o intuito de tematizá-las? Soares *et al* (2009) propõem um trato por intermédio de uma abordagem histórico-crítica da Educação Física, considerando as manifestações da cultura corporal (de movimento), em sua trajetória formativa histórica e pela espiralidade dos conhecimentos, ou seja, considerando as transformações ao longo dos percursos históricos e do seu contato com a realidade em suas variadas influências. Considerar os contextos históricos, que foram/são como planos de fundo das trajetórias vividas, é algo fundamental, principalmente, quando analisamos o caso do Brasil, dos nossos vizinhos latino-americanos e, também, dos países africanos, que foram brutalmente colonizados. Nesses processos, as vivências corporais foram apagadas, exterminadas, no entanto, houve processos de inserção de outras práticas corporais, que dialogassem com o projeto em curso, certamente, aquelas que visavam ao controle social dos indivíduos, especificamente, os povos indígenas e africanos. Logo, quando pergunto se os currículos brincam nas ruas, retomo o questionamento, considerando todo esse contexto, assim, tencionando os lugares canônicos dos conhecimentos, que também são lugares de manutenção de posições sociais e de poder.

Quando relaciono currículos, posições sociais e poder, me remeto aos corpos que sempre foram cerceados. Durante a ditadura militar que assolou vários países da América Latina, os corpos aprenderam a ter medo, mas, mais uma vez, também resistiram. O corpo sente, e nós sentimos junto, não há separação, se ele sente, também pensa. Martins (2021) considera o corpo em suas várias facetas, mas elas sempre estarão presentes fisicamente, no espaço do corpo, o corpo que dança, que se comunica, que é matéria central nas performances. Mas que, diante do projeto moderno/colonial, sempre foi alvo de controle, de violência (um mais que outros), padronizações, escravidão. É em função do reconhecimento dessas experiências e memórias, que o *corpocurrículo*<sup>4</sup> se justifica. Afinal de contas, os nossos corpos confluem com os conhecimentos.

Ao refletir sobre o corpo e a Educação Física, repenso até mesmo o que temos como abordagens pedagógicas da área, que possuem como pressupostos a literatura eurocêntrica que, por sua vez, se colocam como expoentes das ideias do projeto moderno/colonial, em seus marcadores que ainda se manifestam nos conhecimentos, nas pessoas e nas estruturas de poder, pelas colonialidades. Como podemos pensar nas manifestações da cultura corporal de movimento, se muitos indivíduos tiveram, e ainda hoje têm as suas culturas exterminadas e

---

<sup>4</sup> O termo *corpocurrículo* nasce do projeto de pesquisa, quando percebi a presença constante dessa relação entre os corpos, os conhecimentos e saberes. O mesmo ainda será apresentado em trabalhos futuros, para além do projeto de pesquisa.

perseguidas? Quando falamos em cultura corporal do movimento, a quais culturas e a quais indivíduos elas pertencem? As crianças que brincam na rua e vivenciam sua cultura possuem espaços para reconhecê-las e problematizá-las?

Joni (2021) continuou: “[...] *Eu faço uma retrospectiva assim para trás... E vejo o recreio como um momento de extravasar e de brincar, um espaço tomado pelos... A quadra da escola, na maior parte da minha infância, tomado pelos meninos que jogavam futebol, eu era um deles, embora fosse mais sensível do que a maioria dos meus amigos, mas eu era um deles. Então assim, hoje quando eu olho para trás, eu busco enxergar aquelas pessoas, que na época eu não enxergava, sabe? Hoje eu olho para trás, eu lembro dos meus amigos, dos meus colegas que nunca estavam envolvidos naqueles momentos do futebol que era o carro chefe, que era o que dominava, e eu lembro dessas pessoas assim, nos cantos, em momentos diferentes, vivendo os seus espaços, e aí me traz uma consciência muito grande do que eu preciso fazer na escola hoje, do que eu não devo fazer na escola... Eu tenho uma formação, eu não sei se a maioria aqui, mas eu lembro muito dos momentos dos esportes sendo trabalhados nas aulas de Educação Física, eu lembro muito do futebol, e que nem era futebol, era o futsal improvisado, muito presente, quando não era o queimado, e quando não era alguma abordagem esportiva que geralmente... O handebol, que não exigia tanta estrutura, voleibol pouco me lembro, basquetebol nunca, porque a gente não tinha cesta, não sabia o que era isso, a tabela de basquete... Então, é isso que fica...[...]*”. Esse sulco narrativo, fruto da narrativa do Joni, mostrou duas situações interessantes, a relação estabelecida com o intervalo, ou melhor, com o recreio escolar. No entanto, aqui percebi outra perspectiva, em que este espaço assume um momento de liberdade, contrapondo-se, assim, aos momentos que ela não se faz tão presente, arriscaria dizer que os da sala de aula. Sabemos que os processos, assim como os próprios indivíduos, são constituídos por suas contradições, e o espaço escolar não ficaria de fora dessas relações, ao mesmo tempo que percebi uma narrativa recorrente, a qual anuncia a escola enquanto um espaço destinado à emancipação dos indivíduos, ela também comporta momentos e espaços, que não contemplam a liberdade enquanto um princípio educativo.

Freire (2020, p. 127) anuncia essas relações de falta de liberdade, ou melhor, eu diria que são espaços nos quais as colonialidades estão mais a floradas dentro da escola, “Ditamos ideias. Não trocamos ideias. Discursamos aulas. Não debatemos ou discutimos temas. Trabalhamos *sobre* o educando. Não trabalhamos *com* ele. Impomos-lhe uma ordem a que ele não adere, mas se acomoda”. Aproximando mais de Freire (2020), penso que ainda vivemos alicerçados pelas colonialidades, marcadores que se baseiam em relações dicotômicas, que

classificam pessoas, lugares, saberes, conhecimentos, relações sociais, por extremos opostos, que carregam consigo valores de um determinado povo (eurocentrismo), e que apagam e exterminam os demais. A acomodação sobre a qual se refere Freire (2020), é perceptível quando deparamos com situações que foram sendo naturalizadas, o “ah, é assim mesmo”, em determinadas ocasiões, pode camuflar situações de opressão, de manutenção das relações de poder, essas que podem ser mecanismos para a perpetuação do projeto moderno/colonial.

O outro aspecto que Joni (2021) compartilhou, foram as percepções sobre as/os colegas que viviam a escola de suas maneiras. E o que vejo de interessante nisso é a percepção sobre o outro, não com um olhar de apagamento, mas de reconhecimento, diante de suas próprias vivências, modos de interação com o ambiente escolar e com as pessoas que nele estão. “[...] Então assim, hoje quando eu olho para trás, eu busco enxergar aquelas pessoas, que na época eu não enxergava, sabe? Hoje eu olho para trás, eu lembro dos meus amigos, dos meus colegas que nunca estavam envolvidos naqueles momentos do futebol que era o carro chefe, que era o que dominava, e eu lembro dessas pessoas assim, nos cantos, em momentos diferentes, vivendo os seus espaços, e aí me traz uma consciência muito grande do que eu preciso fazer na escola hoje, do que eu não devo fazer na escola...[...]. Esse movimento de retomada e rememoração do que foi vivido, enquanto estudante da Educação Básica, recai hoje em reflexões que influenciam a sua postura enquanto professor. Reconhecer as diferentes formas de viver e sentir a escola pelas/os estudantes, se coloca como um desafio para também pensarmos outra escola possível. Vejam que ele disse, “eu busco enxergar”, essa busca não tem como princípio anterior o apagamento, a anulação, pois ele conseguia perceber e hoje reconhece essas/es colegas em suas particularidades. Agora, essa percepção com as/os outras/os recai na reinvenção dos seus fazeres docentes, refletindo “[...] e aí me traz uma consciência muito grande do que eu preciso fazer na escola hoje, do que eu não devo fazer na escola...[...].” (Joni, 2021). Acredito que esses movimentos, narrados por Joni, podem ser considerados como decoloniais, e vão ao encontro do que Maldonado-Torres (2019) chamou de colonização do imaginário, em que as colonialidades atuam na constituição do imaginário dos sujeitos colonizados. Assim, quando Joni reconhece essas outras formas de viver o espaço escolar, ocorre uma ruptura do ideal escolar.

Joni (2021) continuou a sua narrativa: “[...] Eu lembro de uma professora da 5ª série, ela dando uma aula de handebol, é uma das professoras que eu lembro.... Que assim, eu não me lembro dos meus professores de Educação Física, isso é engraçado, eu não tenho uma memória assim... Eu não lembro de vários professores de Educação Física, eu lembro dela da

*5ª série e da professora do Ensino Médio, muito estranho pensar nisso...E aí, eu lembro de uma aula de handebol, e aquela fila de 30 alunos, cada um arremessa de uma vez, só tem uma bola para todo mundo, e aí eu falei “Quero ir pro gol, quero ir pro gol”. Aí ela brigou comigo “Não, você não vai pro gol não, você arremessa muito bem, você não vai pro gol”, mas eu queria ir pro gol porque eu queria tocar na bola por mais vezes, eu queria participar, sabe? E quando a Maria Cecília falava, eu lembrava desse dia... Caramba, tem tantos anos isso, porque que eu estou lembrando disso? Mas enfim, faz parte da trajetória, faz parte da minha vida... E o seu poema Pedro, eu estava dando uma lida, e eu lembro de uma conversa que eu tive com o professor José Carlos, você conhece... E eu falava assim, a gente fez até uma live no Instagram e eu falava assim “Cara, cadê os meus amigos pretos, que cresceram comigo? Que estudaram comigo, cadê essa galera que eu não vi ao longo da minha trajetória, eles foram sumindo, sabe? Eles foram desaparecendo, e que coisa louca de se pensar, a gente veio do mesmo lugar, a gente veio das mesmas origens, mas em algum momento teve uma galera que sumiu cara... E que eu não enxerguei no Ensino Médio, na faculdade muito menos, na pós-graduação nem se fala, e cadê? Sabe... Então, ler o seu texto, a forma como você colocou me trouxe de volta esse sentimento assim... De um momento que eu colocava para fora esse sentimento, assim... “Cara, cadê essa galera?” O que que aconteceu? Mas, enfim... Seguindo aqui para eu não me alongar muito...[...]*”.

2651

Nesse sulco narrativo, Joni (2021) apresentou uma situação tática usada por ele, para tentar garantir uma maior participação nas aulas da disciplina Educação Física. Ousaria dizer que existe nisso uma subversão curricular, considerando a situação posta e suas bases de naturalização dos processos de ensino. Bases essas que contêm uma forma, supostamente natural, que organiza a aula de uma forma linear, na qual as/os estudantes vivenciariam o arremesso de maneira contínua, no entanto, essa experiência não possibilitaria a troca de posições, ou seja, quem arremessou poderia ter um momento enquanto defensor (goleira/o). Logo, chamo de subversão curricular, pois considero as/os estudantes como agentes que também manuseiam os currículos, junto as/os professoras/res. Ademais, essa situação é um retrato enfrentado por muitas/os professoras/es e estudantes durante o desenvolvimento da disciplina escolar, a falta de material didático. Se nas demais disciplinas escolares temos a centralidade do livro didático, enquanto principal material de apoio pedagógico e didático, tanto para as/os professoras/es, como para as/os estudantes, nas aulas da Educação Física, esses materiais são os artefatos esportivos e, para além deles (bolas, coletes, uma boa quadra poliesportiva, aparelhos sonoros, etc.) que, por muitas vezes, não são considerados pela direção

escolar e, até mesmo, pelos colegas das demais áreas, enquanto algo importante para o desenvolvimento e construção das aulas da disciplina. Aqui me refiro aos colegas das demais áreas, no intuito de também visualizarmos o currículo enquanto um lugar de disputas, mas com potencial para a solidariedade e cooperação entre colegas de áreas diferentes, no intuito de pensar, inclusive, outros caminhos para a Educação Básica, possivelmente, diálogos transdisciplinares.

Essa percepção sobre a Educação Física se baseia e se reforça como resultado da compreensão dicotômica, fundamentada, principalmente, pela separação entre o corpo e o intelecto (mente). Logo, estaria nos livros o aporte básico para o desenvolvimento intelectual das/os estudantes, por sua vez, os materiais pedagógicos da Educação Física seriam aqueles destinados ao desenvolvimento físico e motor. Uma percepção grotesca, que ainda permeia o imaginário de muitos de nós, imaginário que também se fundamenta e é construído pelas colonialidades que, por seu turno, refletem na própria organização da escola e na compreensão de educação. Afinal, o corpo e o intelecto se fazem moradas um do outro, se complementam. Continuando, Joni (2021) reencontrou uma professora importante, em suas lembranças e narrativas, vejamos: “[...] *O Ensino Médio ele traz para mim a figura de uma professora, que se tornou referência, mas ela se tornou referência por sua maneira de lidar com a gente, por sua maneira de se relacionar, de propor... Mas assim, em termos de conteúdo era muito tradicional, era muito “repeteco”, mas ela se tornou uma referência e eu quis fazer Educação Física, também por conta dela. Aí eu chego na Universidade com aquela visão dos esportes, e do senso comum, e aí a Universidade Federal Fluminense, no seu curso de licenciatura, me mudou completamente a minha cabeça, e o que significa a Educação Física, de quais são as possibilidades que a gente tem, pensar de forma crítica... Eu aprendi a questionar coisas que eu achava... “Ah beleza, esporte é saúde”, isso não se questiona, esporte é saúde, e eu comecei a ver que pode não ser exatamente assim... Sabe, que estão por traz de alguns discursos, de algumas afirmações, e aí a Maria Cecília falava “A quem interessava...”, Ela questiona “A quem interessava aquele currículo?”, e isso é muito importante, que a gente reflita, a quem interessa os currículos que estão nas nossas mãos para que a gente execute? A quem interessavam os currículos que nos formaram? E o que a gente faz com essas informações que a gente tem? Com a capacidade de discutir e de questionar, de debater, de conversar, de ouvir diferentes colegas desse país, o que a gente faz com isso? Como a gente pega as nossas histórias de formação e me parece que, em boa parte delas a gente vai ter... Momentos não tão legais assim para falar, momentos que nos traz grandes memórias da Educação Física como*

*algo maravilhoso, provavelmente... Não sei, não quero falar pelos outros, mas eu não tenho essa, eu não carrego essa história de uma Educação Física maravilhosa, sabe? E o que eu faço com isso hoje? O que eu faço com esse sentimento, o que eu faço com esse entendimento?”.*

O reencontro de Joni com a professora do Ensino Médio é uma lembrança do que o levou a escolher a Educação Física, enquanto área de atuação profissional. O domínio teórico frágil era sobreposto pelo trato com as/os estudantes, a postura propositiva e, certamente, o acolhimento das/os delas/es. O “repeteco” ficou pequeno perante a sua influência na futura escolha do Joni, e é esse mesmo “repeteco” que faz com que Joni seja um professor diferente frente às/aos suas/seus estudantes, percebo isso pelos questionamentos que ele apresentou no final da sua narrativa: “[...] Não sei, não quero falar pelos outros, mas eu não tenho essa, eu não carrego essa história de uma Educação Física maravilhosa, sabe? E o que eu faço com isso hoje? O que eu faço com esse sentimento, o que eu faço com esse entendimento? (Joni, 2021)”. Esses questionamentos feitos por Joni, ao final, dialogam com o que propõe Maldonado-Torres (2019) na análise da decolonialidade, pelos movimentos de questionar/pensar/teorizar, que auxiliam na construção da decolonialidade do Saber.

Outro sulco narrativo que destaco é: “[...] *Aí eu chego na Universidade com aquela visão dos esportes, e do senso comum, e aí a Universidade Federal Fluminense, no seu curso de licenciatura, me mudou completamente a minha cabeça, e o que significa a Educação Física, de quais são as possibilidades que a gente tem, pensar de forma crítica... Eu aprendi a questionar coisas que eu achava... “Ah beleza, esporte é saúde”, isso não se questiona, esporte é saúde, e eu comecei a ver que pode não ser exatamente assim... Sabe, o que estão por traz de alguns discursos, de algumas afirmações, e aí a Maria Cecília falava “A quem interessava...”, Ela questiona “A quem interessava aquele currículo?”, e isso é muito importante, que a gente reflita, a quem interessa os currículos que estão nas nossas mãos para que a gente execute? A quem interessavam os currículos que nos formaram? E o que a gente faz com essas informações que a gente tem? [...]” (Joni, 2021). Esse trecho compartilhado por Joni associa duas situações que dialogam entre si, a formação inicial — graduação — e os questionamentos sobre os currículos, fruto do contato com a escola e da construção das práticas pedagógicas. Percebi o quanto a formação inicial oferece elementos para a construção das trajetórias formativas das/os futuras/os professoras/es. Entretanto, o senso comum se apresenta como ponto de partida e a percepção da complexidade do que é posto, é algo importante, eu diria, até mesmo, libertador. O pensamento crítico e científico amplifica a percepção e a constituição dos indivíduos, e aqui, não quero reafirmar a hierarquização estabelecida entre os saberes e os conhecimentos, mas de*

valorizar o encontro, entre os saberes de “senso comum” e os conhecimentos conformados como científicos, diante de uma relação de complementariedade e mescla.

Mignolo (2020) chama a atenção para a necessidade de crítica e análise sobre a modernidade, seria ela o lugar do conhecimento eterno? Aqui não quero relativizar o que foi construído cientificamente, pois sabemos que os mal-intencionados, utilizam disso para fundamentar discursos negacionistas, dentre outras aberrações. Todavia, existe a necessidade de reconsiderar e problematizar as dinâmicas e os movimentos pelos quais o científico euro-ocidental se estabeleceu enquanto hegemônico, apagando e destruindo outras formas de conhecimento e saberes, tão importante quanto os que temos entre o senso comum e a cientificidade da Universidade. Me ponho a refletir sobre as relações estabelecidas no encontro entre ele (Joni) e ela (Universidade), o indivíduo que parte do senso comum, e que ao se deparar com as possibilidades da Universidade, percebe que nem tudo que é posto, é o que é, é mais/menos do que é. Mas, essa relação é recíproca? Os saberes possuídos por Joni são oportunizados na Universidade? Sigamos...

Nesse contexto, ainda carecemos de problematizações sobre a modernidade em sua relação com a colonialidade, afinal, estes processos formam uma mesma moeda, o sistema mundo colonial/moderno (Mignolo, 2020). Repensar o que foi sendo construído como o natural requer o reconhecimento de outros lugares históricos que também possuem indivíduos que constroem conhecimentos, espaços que são povoados por pessoas que possuem suas trajetórias histórico-sociais, e é por meio desse lugar de fissura, de fronteira que poderemos construir um pensamento liminar (Mignolo, 2020). Pensar isso na Educação Física, é um desafio, tendo em vista os muros disciplinares e o espaço curricular em que foi ocupando, lugar calçado pela disputa com outras disciplinas, a falta de reconhecimento dos estudantes e, em algumas situações, experiências pouco significativas que compunham as práticas construídas nos momentos das aulas, aspecto que ainda ressoa no imaginário de muitas/os de nós. Considerando esse contexto, e não querendo romantizar toda a situação, configura-se enquanto um lugar de fissura e de um possível potencial para repensar além da redoma da própria disciplina escolar. Afinal, se repensamos aspectos que permeiam uma disciplinariedade — a Educação Física — estaremos também refletindo sobre os projetos de escola e da educação.

### Considerações provisórias

Após a escuta e a construção dos diálogos com as narrativas e sulcos narrativos do Joni, percebemos que a narrativa é um dispositivo potente para a compreensão dos processos

formativos, da construção profissional docente, e da constituição de cada sujeito. Assim, percebemos que no campo educacional a narrativa pode se apresentar enquanto um dispositivo e modo de se fazer formação, para e com o outro, reestabelecendo a centralidade dos sujeitos nos processos de socialização e na educação, enquanto contexto macro.

No entanto, percebemos com o desenvolvimento do projeto de pesquisa, que ainda é carente a construção e oferta de momentos e espaços formativos, por conta da dinâmica neoliberal que sequestra os nossos tempos, fazendo com que, o mesmo seja “pouco”, diante das demandas diárias e no caso da profissão docente, pela responsabilização e atarefamento dos docentes.

Por fim, consideramos que o processo investigativo se faz com o outro, e não possui um tempo determinado para se findar os aspectos formativos, pois os mesmos ressoar em nós, em nossas memórias, experiências e narrativas. O fuxico narrativo ainda é uma perspectiva narrativa em construção e em processo de amadurecimento, vindo de outra perspectiva, mas com o propósito de estabelecer outras relações com os fazeres e seus sujeitos.

## Referências

BENJAMIN, Walter. **Obras Escolhidas: Magia e Técnica, Arte e Política**. São Paulo: Editora Brasiliense, 2012.

CASTRO, Pedro Alves; TERRA, Dinah Vasconcellos. O fuxico narrativo: um modo de (fa)ser pesquisa. **Revista Cocar**, [S. l.], v. 19, n. 37, 2023. Disponível em: <https://periodicos.uepa.br/index.php/cocar/article/view/7123> . Acesso em: 29 mar. 2024.

EVARISTO, Conceição. **Becos da memória**. 3ª Ed. Rio de Janeiro: Pallas, 2018.

HISSA, Cássio Eduardo Viana. **Entrenotas: compreensões de pesquisa**- Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013.

KRENAK, Ailton. **Futuro Ancestral**. 1ª Ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

MALDONADO-TORRES, Nelson. Análítica da colonialidade e da decolonialidade: algumas dimensões. In: BERNADINO-COSTA, Joaze; MALDONADO-TORRES, Nelson; GROSGOUEL, Ramón (orgs.). **Decolonialidade e pensamento afrodiaspórico**. 2.ed.; 1. reimp- Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019. (Coleção Cultura Negra e Identidades).

MARTINS, Maria Leda. **Performances do tempo Espiral**: poéticas do corpo-tela. Rio de Janeiro-RJ: Cobogó, 2021.

MIGNOLO, Walter D. **História locais/ projetos globais: colonialidade, saberes subalternos e pensamento liminar**. Tradução de Solange Ribeiro de Oliveira. 1 ed. ver. – Belo Horizonte: editora UFMG, 2020.

PRADO, Guilherme Do Val Toledo; SOLIGO, Rosaura Angélica; SIMAS, Vanessa França. Fontes de informações, Registros investigativos e Modos de produção de conhecimento: uma compreensão da pesquisa narrativa articulada em três dimensões. **Revista de Educación**. Año XIII, n. 25, p. 101-118, 2022. Disponível em:

[https://fh.mdpu.edu.ar/revistas/index.php/r\\_educ/article/view/5831](https://fh.mdpu.edu.ar/revistas/index.php/r_educ/article/view/5831). Acesso em: 03/03/2022.

RIBEIRO, Tiago; SOUZA, Rafael de; SAMPAIO, Carmen Sanches. É possível a conversa como metodologia de pesquisa? In: RIBEIRO, Tiago; SOUZA, Rafael de; SAMPAIO, Carmen Sanches (orgs.). **Conversa como metodologia de pesquisa: porque não?** - Rio de Janeiro: Ayvu, 2018. (Coleção Ciência e pesquisa em questão).

SOARES, Carmen. *et al.* **Metodologia do Ensino de Educação Física**. 2. ed. rev. São Paulo: Cortez, 2009.

WALSH, Catherine. Gritos, grietas y siembras de vida: entretejerer de lo pedagógico y lo decolonial. In: WALSH, Catharine (org.). **Pedagogías decoloniales: Prácticas insurgentes de resistir, (re)existir y (re)vivir**. TOMO II. Ediciones Abya-Yala, 2017.

Autor 1:

Foto de rosto Pedro Alves Castro  
Licenciado em Educação Física (UNEB), Mestre em Educação (UESB), Doutor em Educação (UFF). Professor da Educação Básica (SEC/BA).  
Email: [profpacastro@gmail.com](mailto:profpacastro@gmail.com)  
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3936053665731311>  
Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-5698-2128>

2656

Autor 2:

Foto de rosto Dinah Vasconcellos Terra  
Licenciada em Educação Física (UCB), Mestre em Educação (UGF), Doutora em Ciências da Educação (UB). Professora da Faculdade de Educação da Universidade Federal Fluminense (UFF).  
Email: [dvterra@id.uff.br](mailto:dvterra@id.uff.br)  
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6508573831557108>  
Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-4589-3861>